

Batuta



Concertos ZDB

*A parceria com a galeria **Ze dos Bois** está para ficar.Com os concertos **ZDB** procuramos fomentar a partilha de projectos que, embora se possam considerar marginais, estão na vanguarda da produção musical nacional e internacional. A descoberta de novos caminhos para a música e para a arte em geral é o azimute desta relação.*

Muito cá de casa



Henrique Manuel Bento Fialho

Já passaram pela Sala José Afonso grandes nomes da literatura nacional e traduzida em trajectos por esse mundo fora. Grandes nomes que nos oferecem o grande gosto de com eles termos a possibilidade de trocar impressões sobre os seus livros, a sociedade e as nossas vidas. São os escritores de todas as ficções, os historiadores e fazedores de opinião que melhor interpretam e sugerem caminhos. Muito Cá de Casa traz os protagonistas do conhecimento ao nosso conhecimento. É muito bom lidar com tanta gente bem viva. A Casa da Cultura já faz parte dos trilhos por onde se cruzam os grande autores. José Teófilo Duarte

Henrique Manuel Bento Fialho
26 Outubro, 22 horas

Ana Cristina Leonardo
23 Novembro, 22 horas
Sala José Afonso
Organização: Divisão de Cultura/DDLX

Círculo de Jazz

O Círculo de Jazz nasceu dos escombros do Círculo Cultural. Explicando melhor: A ideia de trazer o Jazz a Setúbal de uma forma coerente e regular, nasceu durante a requalificação do Edifício onde funcionou o Círculo Cultural de Setúbal e onde viria a nascer a Casa da Cultura. Podemos, então, considerar a Casa da Cultura como Casa Mãe do Círculo de Jazz. Ora, é sublinhando este passado que iremos alargar o seu âmbito, transformando aquilo que era um festival de Jazz, num movimento em três partes: o ciclo de concertos na Sala José Afonso, entre Outubro e Junho; o Círculo de Jazz Fest, em Janeiro; e o Jazz na Rua, nos meses de Verão.

Escola, Estúdio, Sala de ensaios, Associação José Afonso

Por fim, salientar aquele que é um dos pilares de acção da Casa da Cultura na área da Música: a formação.Temos, ao longo destes seis anos, construído um caminho que visa a democratização do acesso à prática musical. E quando falamos em prática musical, falamos em educação musical formal (através da Escola de Música dinamizada pela Sociedade Musical Capricho setubalense) e, por outro lado, falamos das valências existentes na Casa (Estúdio e Sala de Ensaios) que servem de polo aglutinador de novos projectos, novos músicos, novas ideias. Sublinha-se ainda a presença da Associação José Afonso lugar onde se promovem o estudo, a divulgação e a programação de conteúdos relacionados com a obra deste incontornável autor – cuja história de vida se cruza também com a do Círculo Cultural de Setúbal – e com a música popular portuguesa.

Pedro Jacques. João Farinho

Em voz alta



Os nossos poetas maiores

*Pode ser que sejam murmúrios, segredos, coisas íntimas, notas de si para si mesmo, o que sei é que gosto de ler **Em Voz Alta** o que os poetas deixaram para nós, para as nossas noites, em nosso socorro tantas vezes. Gosto de seguir o verso, de dizer claramente dito o que foi escrito e, claro, como queria Sophia, “com as sílabas todas”. É o trabalho do Actor, revelar o segredo, expor o íntimo, dar lugar ao outro, fazer sua a voz do outro. Que bom que tudo isso é.* Jorge Silva Melo

25 de Outubro, 21:30 horas
Carlos Oliveira, por Jorge Silva Melo e Luís Lucas
29 de Novembro, 21:30 horas
Mário Cesariny por Maria João Luís e Jorge Silva Melo
27 de Dezembro, 21:30 horas
Armando Silva Carvalho por Jorge Silva Melo

Sala José Afonso
Organização: Divisão de Cultura/Artistas Unidos/DDLX

Do ateliê para a galeria



Zonas de Transição
Andreas Stöcklein
Artista alemão nascido em Essen, 1957, estudou na Academia de Belas Artes de Dusseldorf, 1977-1983, e radicou-se em Portugal a partir de 1982, inicialmente com um projecto de land art para a serra da Arrábida, fixando depois o estúdio em Setúbal, 1988. Muito para além do mero fazer oficial, encontrou no azulejo um caminho de expressão artística pessoal, dando início a uma das obras mais sólidas da azulejaria contemporânea. A iniciação na arte do azulejo fez-se através de trabalhos de restauro de azulejaria antiga, executando azulejos ou fragmentos de azulejos em falta em grandes painéis. Este trabalho obrigou-o a uma análise atentíssima da materialidade e da expressão pictórica dos azulejos, vindo a dominar em profundidade os seus valores de textura, cor e pincelada, para além do entendimento erudito dos ornatos e figurações. Paulo Henriques

Andreas Stöcklein – Zonas de Transição
Outubro
Organização: CMS/Ratton Cerâmicas

Ana Quintino – Chama
Novembro
Organização: Divisão de Cultura/DDLX
Galeria



Luís Lucas. Jorge Silva Melo. Maria João Luís © Jorge Gonçalves

As noites de poesia EM VOZ ALTA, na Casa da Cultura, estão a transformar-se em espectáculos de grande qualidade. Os poetas maiores da literatura portuguesa sobem ao estrado da sala José Afonso pela voz de actores que os dizem com a elevação que merecem, em jeito de reconhecimento e homenagem. Jorge Silva Melo dá o mote. Para as leituras são convocados os actores Luís Lucas, António Simão, Gonçalo Nuno Rodrigues, Manuel Wiborg e Maria João Luís, que lêem poetas como Mário Dionísio, Alexandre O’Neil, David Mourão-Ferreira, Alberto Lacerda, Herberto Helder, Natália Correia, Gastão Cruz, Carlos Oliveira, Mário Cesariny, Armando Silva Carvalho. A iniciativa EM VOZ ALTA coloca Setúbal no mapa das leituras de grandes poetas portugueses pela voz de grandes actores. José Teófilo Duarte

Pensar não é chato. Chato é não pensar.



Ilustração: André Ruivo



GUARDA-RIOS

OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO.2018
Edição CMS, Divisão de Cultura
Concepção e design de comunicação DDLX
Colaboram António de Castro Caeiro, João Paulo Cotrim, André Carrilho, João Maio Pinto, Manuel Augusto Araújo, Pedro Jacques, André Ruivo, João Farinho, Mónica Duarte, Eduardo Paz Ferreira, Hélder Oliveira, Ana Cristina Leonardo, Jorge Silva Melo, José Teófilo Duarte, Paulo Henriques.
Parceiros Associação José Afonso, Centro de Estudos Bocageanos, Artiset, Capricho Setubalense, Experimentáculo. ZDB.

Casa da Cultura, Setúbal

Rua Detrás da Guarda, 28.
2900-000 Setúbal. Portugal
Telefone: 265 236 168

E-mail: casacultura@mun-setubal.pt
horário: Domingo, terça-feira e quarta-feira: 10h – 22h Quinta-feira, sexta-feira e sábado: 10h – 01h.
Encerra às segundas-feiras.

www.casadacultura-setubal.pt

Filosofia a pés juntos



António de Castro Caeiro / Fotografia de Graça Ezequiel

“A pés juntos” explica adverbialmente o modo de saltar, entrar, jurar. Mas também podemos ativar-nos de pés juntos, num movimento ofensivo, para cair em cima de um adversário. Ou, apoiar pés juntos, para esticar as pernas e nos afastarmos do fundo do mar, para vir à superfície. A expressão dá ênfase ao sentido do verbo. O que será então a filosofia a pés juntos?

12 Outubro. 9 Novembro. 22 horas
Sala José Afonso
Organização: Divisão de Cultura/DDLX

GUARDA-RIOS



Atento e com asas

A nossa Casa faz 6 anos
A Casa da Cultura constituiu um marco privilegiado de construção cultural em constante evolução e permanente busca pela diversidade criativa. Este é um Espaço onde muitas vezes a perspectiva de encontro entre tudo o que é diferente torna possível o desenvolvimento do capital humano. Este é um Espaço diferente de todos os outros espaços.

Por acreditarmos e apostarmos na criação de hábitos de fruição cultural regular que têm como consequência natural, não só a ampliação de públicos, mas sobretudo, uma maior capacidade de análise crítica, é-nos cada vez mais reivindicado padrões de exigência em relação à actividade deste equipamento. Nós aceitamos o desafio. Um desafio em que procuramos contrariar os efeitos nefastos da oferta generalizada de entretenimento.

Esta é uma “casa” aberta às práticas artísticas e de difusão da arte contemporânea, o que permitiu, passado 6 anos, um reconhecido lugar de criação e experimentação no território. Desde 5 de Outubro de 2012 que já se realizaram mais de 2000 eventos, entre música, literatura, performance, expressão plástica e multimédia, de vários estilos e para todas as idades, aos quais assistiram aproximadamente 50 000 espectadores e recebemos mais de 400.000 visitantes nesta casa. O nosso desejo maior é que se sintam em casa!

Petro Pina. Vereador da Cultura

Os jornais, é sabido, são como pássaros: dão-nos asas e céu. Basta vê-los abertos, basta tê-los pousados nas mãos. E se o assunto for cultura, então cantamos os mundos todos e mais além. Os jornais são como os Guarda-rios, de plumagem colorida, mas tão comuns que assumem um sem fim de nomes. Fazem voos picados em direcção às superfícies, mas veem bem os fundos. São ruidosos, tanto gritam como sussurram. São de uma alegria que enchem casas, que invade as ruas. Todas as cidades merecem asas e céu e mar. Setúbal tem tudo isso e, agora, este jornal. João Paulo Cotrim

Casa da Cultura, Setúbal

OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO. 2018

ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO (Lisboa, 1966) é professor na FCSH/UNL, membro do IFILNOVA, ensaísta e tradutor. Ensina na FCSH desde 1990. Dedicou-se à Filosofia Antiga e à Filosofia Contemporânea. Foi Visiting Scholar na FD de Ribeirão Preto da USP, USF (Flórida) e Oriel College (Oxford). Traduziu do grego as Odes Para os Vencedores (Quetzal, 2010) e as Odes Olímpicas (Abysmo, 2017) de Píndaro. De Aristóteles, traduziu ainda Os Fragmentos dos Diálogos e Obras Exortativas (INCM, 2014) e os Fragmentos das Constituições (ABYSMO, 2018), tendo publicado ainda os ensaios «São Paulo: apocalipse e conversão» (Aletheia, 2014) e um «Um Dia Não São Dias» (Abysmo, 2017).

Educação?

A educação é uma das presas a que daremos caça. Agostinho da Silva dizia que se devia banir o termo e, consequentemente, o sentido que lhe dá compreensão. Dizia ele que educação vinha do latim ex-duco que quer dizer conduzir de dentro para fora. Portanto, educar pode querer dizer levar para fora do caminho interior de cada um. Podemos pensar na diferença anulada por uma versão do ensino que procura uni-dimensional cada pessoa, homogeneizá-la, planifica-la. A sua proposta para o ensino era expressa na palavra instrução. In-struo em latim quer dizer construir a partir do interior. Portanto, a aprendizagem é uma compreensão da essência de cada pessoa, o seu modo de ser, como é suposto existir com as suas possibilidades mais radicais. A possibilidade mais radical de um ser humano será a técnica ou a poética e a prática. Agir é importante. Produzir é importante. Criar é importante. Não saber o que quer que seja assim sem mais para ter sabido, mas para intervir, sobretudo, sobre o próprio.

Fronteiras

As perguntas mais básicas da filosofia interrogam sobre a situação em que cada um de nós se encontra. A mais básica é onde estamos ou onde somos? Em que tempo vivemos? Quando passamos por aquilo pelo qual passamos? Com quem fazemos vida? O que fazemos aos outros, sob a nossa acção e o que os outros nos fazem deixando-nos vulneráveis às suas acções? Todas as perguntas desenvolvem a questão fundamental pela situação existencial. A situação terá de começar por uma explicitação espacial, regional, local, fronteiraça. Erigimos barreiras entre os problemas que temos em lidar com determinadas pessoas e assuntos que jazem fundo nas nossas vidas. Mas também destruímos muros. Abrimo-nos aos outros tal como nos abrimos para nós, quase sempre por causa dos outros. Também traçamos fronteiras físicas, geográficas naturais e artificiais, linguísticas. Há entre quem cada um

de nós é no seu interior e o meio que o envolve fronteiras. Há o interior e o exterior. Há espaços privados com o direito reservado de admisso. Há espaços interditos, privados. Há espaços públicos. O próprio corpo no seu interior tem a pele como fronteira para o mundo exterior. E entre o interior da nossa alma e o exterior que é o nosso corpo não haverá também barreiras que se erigiram e podem ser intranponíveis se não fizermos adequadamente a pergunta como somos alma e corpo, ou mente e físico?

Justiça

Dos problemas sempre decorrentes, a definir como a filosofia entra a pés juntos no que procura compreender, por ser opaco e nós queremos obter transparência, é o da justiça. Sócrates dizia que é melhor sofrer a injustiça do que a cometer. Dizia ainda que, uma vez tendo nós cometido a injustiça é melhor pagá-la do que ficar impune. Aparentemente, Sócrates defendendo o mundo às avessas. Não queremos nós “fazê-las”, primeiro, antes que no-las façam a nós? E tendo nós sido injustos não estaremos continuamente a invocar pretextos e desculpas que tendem à atenuar o que fizemos de mal aos outros, com o fim da nossa absolvção? Ser justo ou ser injusto, sofrer a injustiça ou obter justiça implica uma relação intrínseca, não anulável, ao outro. É por sermos uns com os outros, antes de tudo o mais, que, mesmo sem o sabermos e, apenas pelo facto de existirmos, podemos fazer os outros sofrer. Ou porque sem querer os ignoramos e não lhes ligamos nenhuma. Ou porque dizemos da boca para fora uma palavra ao próximo. Impensada uma palavra pode ferir. Ou porque uns se deixam aos outros para ficarem cada um deles com outros ou sozinho. Seremos nós vítimas de todas as injustiças ou os algozes das injustiças que infligimos aos outros? António de Castro Caeiro

Os Anos Trump – O Mundo em Transe

O professor Eduardo Paz Ferreira deu uma aula de história recente, integrada no último Muito Cá de Casa, no dia 27 de setembro.

Ingerimos na política de outro país, mas estamos perdoados. Não há país que ingira mais na vida interna de outros países como os EUA, não é verdade?

Ladrão que rouba a ladrão... Eduardo Paz Ferreira envolveu em grande conhecimento e simpatia a sua intervenção, e autorizou a publicação deste texto, incluído no seu mais recente livro: Os Anos Trump – O Mundo em Transe. É bom aprender com quem sabe.

Este texto é uma adaptação de uma entrevista dada ao jornalista António Gouveia, publicada no jornal Expresso em 2017.

Tradicionalmente, os mágicos e prestigiadores tiravam das cartolas ou dos lenços figuras simpáticas como coelhos ou pombas brancas, mas actualmente essas figuras tendem a ser substituídas por seres bem mais desagradáveis. O aparecimento de líderes e governos de extrema-direita xenófoba e racista tem-se verificado infelizmente por toda a parte nos últimos tempos, mas os Estados Unidos do século XXI são um caso especialmente nítido de retrocesso civilizacional pela maneira como foram retomadas abertamente e com adesão significativa formas de racismo e a apologia do nazismo. Por muito má que tenha sido a prestação de diversos presidentes americanos – que contribuíram para a divisão interna, desrespeitaram os direitos humanos e fomentaram uma política imperialista à margem das Nações Unidas –, nenhuma terá chegado aos limites da de Donald Trump, com a agravante de a campanha eleitoral deste ter sido clara sobre aquilo que esperava os americanos. O caminho para Trump vinha-se desenhando, com o aparecimento do Tea Party e a radicalização republicana. Com efeito, a criação do Tea Party na cena política veio introduzir uma radicalização e um ódio racial que até aí não se fazia sentir tão fortemente. Este, sem se assumir como um terceiro partido ou como um movimento com vista ao seu lançamento, congrega eleitores fora do mainstream e anti-establishment, que procuraram influenciar os candidatos republicanos, ajudando à descaracterização de um partido que, se é verdade que se situava à direita, mantinha uma franja mais ou menos centrista e dialogante com o Partido Democrata. Simbólico da orientação do Tea Party é o discurso ligado à sua fundação proferido por Rick Santelli na Bolsa de Chicago, criticando o Estado pelos bailouts que tinham beneficiado predadores, autores de maus investimentos, os quais deveriam ter sido deixados sós com os problemas criados, suscitando de imediato um coro de entusiasmo totalmente imprevisível. Mas se o Tea Party é importante na criação do ambiente contra o Estado, muito mais decisivos e

perigosos são outros movimentos como o White Supremacism e o Neo Nazism, reunidos no grupo Alt-right, em que se juntaram isolacionistas, proteccionistas, anti-semitas, racistas, nazis, islamofóbicos, anti-feministas, e que ganharam uma grande importância nas redes sociais, com raízes nomeadamente no 4chan e 8chan.

Este movimento viria a ser decisivo na criação do ambiente violentamente anti-establishment e fortemente ideológico da campanha de Trump, chefiada por Steve Bannon, depois nomeado para um lugar do maior relevo na Casa Branca, cargo em que resistiu pouco tempo. Para compreender a figura de Steve Bannon, como tantas outras da galáxia Trump, é fundamental a leitura de Fogo e Fúria, que nos transporta para um horizonte que se pensaria inscrito num filme político de ficção de mau gosto. A campanha de Trump é apoiada por forças diversas, em que sobressaem empresários milionários, políticos outsiders e muitos cidadãos cansados da política as usual. A Fox News e um conjunto de blogs e sites de extrema-direita foram decisivos para mobilizar um conjunto de eleitores fortemente motivados, que não hesitaram em apoiar a ascensão de Trump. Hoje sabe-se bastante sobre o papel profundamente nefasto do Facebook e outras redes e sobre a interferência russa, que nem sequer é questionada pela Casa Branca (esta só nega qualquer ligação directa com essa interferência).

Dois factores parecem decisivos e a eles voltaremos mais detalhadamente: a interferência russa quer no apoio directo à votação em Trump, quer no descrédito da candidata Hillary Clinton, por um lado, e a forma como as redes sociais e aqueles que as manipularam se comportaram, lançando pesadíssimas sombras sobre uma realidade como o Facebook — até então, e apesar de alguns alertas, objecto sobretudo de uma avaliação rósea como um factor de amor universal, capaz de transformar perfeitos desconhecidos nos melhores amigos.

Eduardo Paz Ferreira



André Carrilho / Visão Global por Trump / DN

É preciso fazer um desenho?

Espaço ilustração

O Espaço Ilustração – *É preciso fazer um desenho?*, é uma galeria de exposições que pretende manter uma relação com ilustradores nacionais e estrangeiros, elegendo uma visão universal da ilustração. Procuramos uma centralidade no convívio com autores emergentes e consagrados. A exposição inicial de abertura do espaço acolheu a exposição Grandes Vidas Portuguesas. Grandes portugueses ilustrados por grandes ilustradores. Mostra concebida pela Patológico para a Imprensa Nacional Casa da Moeda. Seguiram-se mostras individuais, em montagens de grande qualidade, de vários autores com diferentes ideias e atitudes. A Ilustração que nos interessa tem atitude e carácter. Tem opinião. De ornamentos não queremos saber para nada.

Eis a lista de lustradores que já por cá passaram em exposições individuais: Mantraste, Jiru Taniguchi, Manuele Fior, Tiago Manuel, Giulia Atzori, Shiguero Mizuki, Madalena Matoso. As exposições de Jiru Taniguchi, Shiguero Mizuki e Manuele Fior tiveram o apoio da editora Devir. A exposição de Madalena Matoso foi apoiada pela editora Planeta Tangerina.

Este trimestre vai receber Helder Oliveira, com desenhos que marcaram as páginas do jornal Expresso nos últimos 10 anos, em outubro, André Ruivo, com os seus Postais, em novembro, e por fim, mesmo a tempo das compras de Natal, a exposição/venda EDIÇÃO LIMITADA, de vários ilustradores nacionais. Desfrutem. José Teófilo Duarte



GERINGONÇA – Helder Oliveira

GERINGONÇA – Helder Oliveira
Outubro

POSTAIS – André Ruivo
Novembro

EDIÇÃO LIMITADA
Exposição/venda de vários ilustradores
Dezembro
Organização: Divisão de Cultura/DDLX



POSTAIS – André Ruivo

Levantado do chão

Em 1982 é editado Memorial do Convento que alcança um êxito que ultrapassa fronteiras e torna conhecido José Saramago, então com 60 anos, à escala internacional.

Antes, entre outros, já tinha escrito Levantado do Chão (1980) e Viagem a Portugal (1981), dois livros fundamentais na sua obra. Nessas três obras inscreve-se o dispositivo narrativo que torna a escrita de Saramago ímpar.

Este texto é uma adaptação de uma entrevista dada ao jornalista António Gouveia, publicada no jornal Expresso em 2017.



João Maio Pinto /Grandes vidas Portuguesas / Patológico.INCM



José Saramago por João Francisco Vilhena

Uma mesma frase é partilhada por diversos personagens, incluindo o narrador. A construção sintáctica é reconstruída por uma pontuação de vírgula flutuante, que subverte as regras gramáticas para se submeter ao ritmo social da linguagem. As narrativas são construídas a partir de uma observação profunda da condição humana, de uma perspectiva histórica que questiona ideologicamente o que a historiografia oficial dá por adquirido. Desloca o centro da acção para um colectivo, tipificado em personagens, que emergem de uma multidão anónima que, assim, fica nomeada. Os Mau-Tempo, Baltasar Sete-Sóis, Blimunda, o sr. José, Joana Carda, Joaquim Sassa e tantos outros que ganham identidade para melhor representarem o todo, de onde sobressaem sem nunca a ele se subtraírem. Os episódios ocorridos e registados pela realidade, no seu sentido mais plano e estrito, adquirem uma nova significação por se tornarem relevantes as forças materiais que fazem a História. Por mostrar os indivíduos agindo à base dos seus dramas pessoais, dos seus interesses e conflitos de classe.

Essa insubordinação contra a história oficial, que já existia em *Levantado do Chão* ou *Memorial do Convento*, continua no *Ano da Morte de Ricardo Reis*, *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e será retomada com novo enquadramento na *Viagem do Elefante* ou em *Caim*, o seu último romance.

Entre o Evangelho e a Viagem, o dispositivo narrativo de Saramago inflecte a partir de *Jangada de Pedra*. A trama dos romances e/ou novelas centra-se e, contraditoriamente, dilui-se no questionar o presente. É o que sucede em *Todos os Nomes*, *Ensaio sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez*, ou *As Intermitências da Morte*.

O que nunca se perde é uma depurada sagacidade que se insere num discurso literário de uma criatividade fulgurante, sem nunca a literatura se subordinar à política, mas sem deixar de ser política.

Com Saramago, a língua portuguesa alargou a estrada da sua inesgotável beleza, ganhou uma fama mundial que não tinha. Justamente distinguido com o Nobel da Literatura, em 1988, o discurso de aceitação do prémio anuncia a intenção de tornar mais conhecido Portugal e a literatura de língua portuguesa, mas também o de dar mais visibilidade às causas dos oprimidos, da justiça social e da paz, sempre com lúcida militância comunista.

José Saramago, um escritor que só no último terço da sua vida é reconhecido, vê alguns dos seus romances entrarem para o cânone da literatura mundial. Fazem parte dos livros que a humanidade deve necessariamente conhecer, deve ler com urgência para encontrar, para aprofundar a sua dimensão. Apesar disso, nunca deixou de ser um escritor fundamente enraizado na sua pátria. *Viagem a Portugal* é uma frondosa sementeira onde se colhem os saberes que irá espalhar pela sua ficção. Um livro de expandido amor pelas terras lusitanas que deveria estar nas estantes de todos os portugueses.

Haveria um dia, há sempre um dia, em que se deixa de estar, em que não se escrevem mais romances, nem mais se confraterniza com os amigos, nem se cruza uma esquina do acaso para apertar a mão de um desconhecido que não nos conhece, mas nos leu. Nesse dia começa a caminhada para a nuvem habitada por outros escritores, igualmente notáveis, a quem a memória atira para um progressivo esquecimento que nem o Nobel conquistado consegue proteger. Não podemos deixar que esses dias se aproximem de José Saramago, com ele outros resgataremos. Não podemos deixar que o nevoeiro comece a invadir essa escrita plantada num território político e social que é nosso e que proporciona a todos o sublime prazer da leitura que lava o pensamento, tornando-o mais fecundo. José Saramago continuará a ser lido nas sete partidas do mundo, enquanto o mundo for mundo, para glória da literatura e de Portugal.

Obrigado José Saramago pelos livros que escreveste para todos nós. Obrigado pelo orgulho que sentimos em sermos da mesma pátria. Manuel Augusto Araújo

José Saramago – 20 anos de Nobel

A Casa da Cultura apresenta-se habitualmente como um espaço que acolhe a subversão cultural e artística. A abertura à criação inovadora e ao desafio das convenções tem sido sempre uma das principais preocupações dos muitos dos que aqui colaboram e trabalham (disso mesmo, espera-se, é exemplo este “Guarda Rios”, o novo formato de divulgação que neste trimestre, ao completarem-se 6 anos de existência, colocamos na rua).

É pois adequado que assinalemos os 20 anos que passaram sobre a atribuição do Prémio Nobel da Literatura a um homem que foi, entre várias outras coisas, um dos maiores subversores da literatura portuguesa contemporânea. Saramago venceu o prémio em 1998, quando a sua obra tinha então já obtido um reconhecimento e admirações globais, mas o seu talento deixou-nos ainda oito romances, uma peça teatral, uma autobiografia e dois contos infantis.

Desprezenciosamente prestamos-lhe a nossa sincera homenagem ao apresentarmos, ao longo da programação do último trimestre de 2018, uma selecção de algumas das muitas adaptações de obras suas para cinema, começando com Enemy, de Denis Villeneuve, inspirado no romance “O Homem Duplicado”, publicado em 2002. Seguir-se-ão, José e Pilar; Ensaio sobre a Segueira e Embargo. São quatro filmes que, tal como saramago, procuram a realidade através de “parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia”. Adicionalmente, iremos ainda perguntar Quem quer ser Saramago, peça de teatro que se traduz numa viagem contra a crueldade, a humilhação e a mentira, guiada pela “Voz” e pela obra de Saramago, com destino a um mundo mais digno, justo e verdadeiro.

João Fariño